

# Religião e Mulheres. Resistências nos Impérios Ibéricos. 1500-1850





# Introdução

No âmbito do projeto financiado pela Comissão Europeia *RESISTANCE. Rebelião e resistência nos Impérios Ibéricos, séculos XVI-XI* (778076-H2020-MSCA-RISE-2017), apresentam-se 12 episódios de resistência ocorridos nos impérios ibéricos da época moderna. Quase todos têm a religião como temática transversal, e as mulheres como protagonistas. Nestes acontecimentos, destaca-se a diversidade das localizações, das cronologias, dos contextos culturais, dos agentes e das práticas de resistência. Os protagonistas têm em comum serem pessoas consideradas na época como pouco importantes, ou até mesmo discriminadas e segregadas.

# Índice

**01.**

Não hei de dizer mentiras  
para não morrer!

P.9

**07.**

Resistir nas águas  
sulfúreas do Japão

P.33

**02.**

Massacre  
de Cuncolim

P.13

**08.**

De escravo  
a missionário

P.37

**03.**

Um papa indígena  
contra os brancos

P.17

**09.**

Uma bruxa  
afro-caribenha

P.41

**04.**

Resistir à censura  
da Inquisição

P.21

**10.**

Anita,  
Índia Ladina

P.45

**05.**

A vendedora de sonhos

P.25

**11.**

Resistir às ideias impostas

P.49

**06.**

Desordens e loucuras

P.29

**12.**

A revolta de Alarcon e Ferrol

P.53



Frankfu

4

12

País Basco

Roma

Ferrol

Coimbra

Lisboa

5

11

València

Múrcia

Madrid

Safim

Cuba

9

República Dominicana

Cartagena

3

Salvador

Jaguaripe

8

Mariana

10

Rio da Prata

Buenos Aires

Luanda

Congo



Takasu

Monte Unzen

Nagasaki

Macau

Baçaim

Cuncolim

Goa

N



E

O

S



# 01.

Não hei  
de dizer  
mentiras  
para não  
morrer!



## 1553-1555 Não hei de dizer mentiras para não morrer!

*Georeferenciação: Lisboa | Safim*

Quando Duarte Fernandes realizou o casamento do seu filho, não imaginou que a sua atitude o levaria à prisão.

Duarte Fernandes era um homem de cerca de 40 anos, de origem marroquina que fora capturado em Safim e vivia em Lisboa. Diziam que era *caciz*, um tipo de autoridade religiosa que atuava numa comunidade de muçulmanos na Mouraria de Lisboa. Na sua comunidade, Duarte Fernandes era também conhecido como *Cide Abdela*.

Numa época em que a Inquisição perseguia todos aqueles que desobedeciam às instruções da Igreja Católica, a traição entre os mouriscos\* da cidade era comum. Alguns denunciavam pessoas

da própria comunidade à Inquisição, o que também aconteceu com Duarte Fernandes.

O mourisco António Correia foi ao Tribunal do Santo Ofício\* de Lisboa para fazer a denúncia. Contou aos inquisidores a atuação de Duarte Fernandes como autoridade religiosa e deu pormenores sobre o casamento do seu filho.

“O casamento foi realizado à maneira dos mouros: sacrificaram um carneiro, seguiram os procedimentos islâmicos e fizeram as suas orações”, contou António Correia aos inquisidores.

Então o Tribunal acusou Duarte Fernandes de ser *caciz* e considerou como prova o facto de ele

ser conhecido também pelo nome islâmico *Cide Abdela*.

No decorrer do processo contra Duarte Fernandes, António Correia acabou por pôr fim à própria vida. Ninguém sabe exatamente o que aconteceu, mas os inquisidores disseram que António Correia não aguentou a pressão da comunidade islâmica, que o perseguia depois de ele ter denunciado o *caciz*.

Duarte Fernandes foi preso pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa no dia 14 de outubro de 1553 e foi julgado durante um ano inteiro.

Durante os interrogatórios na prisão, Duarte Fernandes primeiro disse aos inquisidores que se teria afastado da fé cristã; acreditava que era isto que eles queriam ouvir. No entanto, Duarte Fernandes mudou rapidamente de ideias e jurou-lhes que era cristão. Mas com o passar do tempo voltou a mudar de ideias e fez de tudo para demonstrar a sua resistência ao Tribunal da Inquisição: assinou em árabe, desafiando a língua imposta; ficou muitas vezes em silêncio, negando-se a responder às questões dos seus inquisidores; nunca denunciou nem revelou qualquer comportamento que pudesse incriminar outros membros da sua comunidade.

Às vezes Duarte Fernandes parecia hesitar... Contradizia afirmações anteriores, pedia mais tempo para responder às perguntas e até chorava... tudo com o intuito de confundir os inquisidores e evitar responder às questões que o incriminavam.

Uns dias antes do seu penúltimo interrogatório, em julho de 1554, Duarte Fernandes disse a um outro prisioneiro que não sairia vivo do cárcere da Inquisição. Ele sabia que a sua verdade era diferente daquela que era exigida pelos inquisidores e aceitava as consequências que viriam da sua oposição.

“Façam de mim o que quiserem! Não hei-de dizer mentiras para não morrer!”, dizia Duarte Fernandes.

O desfecho era previsível... Pouco mais de um ano após a sua prisão, Duarte Fernandes foi

condenado à morte e foi executado num auto-da-fé\* realizado na Ribeira de Lisboa. Para a história ficou o registo da sua longa e muito confusa resistência à Inquisição.

### Glossário:

- \* Mouriscos – pessoas muçulmanas recém-convertidas ao cristianismo católico.
- \* Auto-da-fé – cerimónia pública de execução das sentenças promulgadas pela Inquisição.
- \* Tribunal do Santo Ofício – Inquisição.

### Referências

- \* BARROS, Maria Filomena Lopes de; HINOJOSA MONTALVO, José (org.). *Minorias étnico-religiosas na Península Ibérica: Período Medieval e Moderno*. Évora, Publicações do Cidehus, 2008, disponível em <https://books.openedition.org/cidehus/220>.
- \* CUNHA, Mafalda Soares da (org.), *Resistências: Insubmissão e Revolta no Império Português*, Alfragide, Casa das Letras, 2021.
- \* GARCÍA-ARENAL, Mercedes, *Los Moriscos*, Madrid, Editora Nacional, 1975.
- \* MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2013.



02.

Massacre  
de Cuncolim

# 1567-1583

## Massacre de Cuncolim

*Georeferenciação: Goa | Conculim*

A 15 de Julho de 1583, cinco jesuítas, Rudolfo Acquaviva, Pietro Berno, Alfonso Pacheco, António Francisco e o irmão Francisco Aranha, todos europeus, e seis cristãos de Goa foram mortos na aldeia de Cuncolim.

A aldeia de Cuncolim, situada no sul de Goa, liderava um conjunto de cinco aldeias, na vizinhança do Sultanato de Bijapur\*. Este Sultanato era o principal inimigo dos portugueses, tendo feito várias tentativas no sentido de recuperar as terras que Afonso de Albuquerque tinha conquistado, entre as quais estavam as referidas aldeias. Aliados do Sultão de Bijapur, os habitantes destas aldeias resistiram fortemente ao domínio dos portugueses.

Já os portugueses, por sua vez, tentaram implementar o seu poder naqueles lugares, quer através da destruição dos templos hindus\*, quer pela presença cada vez maior de missionários e oficiais da Coroa de Portugal, quer pela construção de igrejas e fortalezas.

Qual é a história deste mal estar?

Em 1567, por exemplo, são destruídos os templos hindus dessas cinco aldeias e é proibida a sua reconstrução. Com o apoio do Sultão de Bijapur, os seus habitantes revoltaram-se, destruindo as residências dos jesuítas e as igrejas entretanto edificadas. Além disso, Cuncolim reconstruiu o seu principal templo, e mais quatro ou cinco à volta deste, fazendo cerimónias e festas

públicas às suas divindades, como anteriormente.

Confrontada com esta e outras formas de resistência, a Coroa de Portugal ordenou, em 1577, que os habitantes destas aldeias fossem castigados, e que o capitão Gil Eanes de Mascarenhas fizesse nelas «o mal que pudesse». Com a colaboração do padre jesuíta Pietro Berno, o capitão Mascarenhas destruiu os novos templos, «queimou e abrasou tudo o que achou diante», «cortou os palmares aos inimigos» e «destruiu-lhes as hortas e searas de arroz». O Padre Berno também ajudou a matar uma vaca (um animal sagrado para os habitantes daquelas aldeias) e a espalhar as suas vísceras pela aldeia de Cuncolim.

Quatro anos depois, mais uma vez com o apoio do Sultão de Bijapur, as populações destas aldeias voltaram a destruir e profanar as igrejas cristãs. Nessa altura, os jesuítas armaram duzentos homens, com o objectivo de se protegerem. Ao mesmo tempo, o padre italiano Rudolfo Acquaviva, decidiu visitar a aldeia de Cuncolim.

Essa visita ficou marcada para o dia 15 de Julho de 1583. Chegando, logo pela manhã, à aldeia, Acquaviva e os seus missionários foram recebidos com frieza. Mas as elites da aldeia disseram-lhes que pela tarde teriam uma recepção condigna.

Pela tarde, o feiticeiro Pondu Naique iniciou essa recepção com uma dança, soltando os seus cabelos, gritando altíssimo e incitando à guerra, dizendo: «o tempo é chegado», e «este é bom

presente e de muitas cabeças». A partir daí, iniciou-se o sacrifício ritual dos jesuítas e cerca de cinquenta cristãos de Goa que os acompanhavam. Cinco missionários e seis cristãos foram decapitados e os seus corpos mutilados. O padre Pietro Berna, em particular, ficou sem escalpe\* e sem meia orelha, sendo desmembrados os seus órgãos sexuais, depois metidos na sua própria boca. O irmão Francisco Aranha, já moribundo, deu a volta, num só pé, a uma divindade local que já tinha sido untada com o seu próprio sangue, sendo obrigado a fazer vénias à mesma. Mais de cinquenta pessoas ficaram feridas. Terminado o massacre, que os jesuítas e os portugueses chamaram “martírio”, os corpos foram atirados para um poço da aldeia.

A resposta da Coroa portuguesa foi igualmente violenta: em primeiro lugar, os dezasseis líderes da rebelião foram mortos, e as suas cabeças empaladas\* expostas nas aldeias de que eram originários, com o objectivo de evitar que outros locais ousassem cometer acções semelhantes. Depois, as cinco aldeias de Cuncolim perderam a sua autonomia e foram doadas a fidalgos portugueses. Não terá sido por acaso que Cuncolim se tornou na aldeia mais pobre de Goa, permanecendo boa parte da sua população por converter.

#### Glossário:

- \* Empaladas – espetadas num pau.
- \* Escalpe – pele arrancada do crânio.
- \* Hindu – que pertence ao Hinduísmo, religião praticada sobretudo na Índia
- \* Sultanato de Bijapur - um dos cinco sultanatos muçulmanos do Decão, na Índia. O fundador era chamado Hidalcão pelos portugueses. Em 1510, Bijapur repeliu a invasão portuguesa da cidade de Goa, que acabaria por perder para os portugueses depois de novo ataque chefiado por Afonso de Albuquerque também em 1510.

#### Referências

- \* CUNHA, Mafalda Soares da (org.), *Resistências: Insubmissão e Revolta no Império Português*, Alfragide, Casa das Letras, 2021.
- \* SUBRAHMANYAM, Sanjay, *O império asiático português 1500-1700 - uma história política e económica*, Lisboa, Difel, 1995.
- \* THOMAZ, Luís Filipe, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994.
- \* XAVIER, Ângela Barreto, *A invenção de Goa, poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, ICS, 2008.



# 03.

Um papa  
indígena  
contra  
os brancos



## 1584-1585

# Um papa indígena contra os brancos

*Georeferenciação: Jaguaripe | Salvador | Bahia*

Por volta de 1584, notícias inquietantes chegaram a Salvador, capital do Brasil, dando conta que um poderoso profeta indígena, chamado António, organizava um movimento religioso nas matas cerradas do interior próximo à cidade. Dizia-se que sua pregação anunciava a chegada de um novo tempo, em que tudo se transformaria, a vida seria mais fácil e não seria mais necessário trabalhar. Os alimentos brotariam da terra, enquanto as flechas voariam sozinhas pelas matas, à procura de animais para abater. Tudo seria refeito em fartura e saúde.

Em seu discurso, António parecia repetir antigas lideranças indígenas que, antes dele, organizavam movimentos religiosos conhecidos pelo nome de “santidades”. Mas a sua santidade incluía elementos da religião católica, o que se explica por ele ter vivido entre missionários jesuítas quando era mais novo. António se apresentava como

papa, por exemplo, e as pessoas próximas a ele eram chamadas de “bispos” e “santos”. Segundo alguns relatos, sua pregação indicava uma futura descida de Deus à terra. Os rituais que comandava incluíam batismos, confissões e o uso de terços de rezar.

O discurso do papa António também tratava da dura vida dos escravizados. Na vida prometida por ele, essa dominação se inverteria: os indígenas se tornariam os novos senhores, enquanto os brancos seriam seus escravos. As notícias de suas pregações se espalharam rapidamente pela Baía de Todos os Santos, o entorno agrícola de Salvador. Os indígenas compunham a maior parte dos escravizados das roças e engenhos de açúcar, mas a Santidade também atraiu africanos, que nessa época começavam a chegar, arrancados de seu continente e vendidos como escravos.

Muitos deles, estimulados pelas promessas, fugiram das fazendas e foram em busca de sua proteção. Alguns, antes da fuga, atearam fogo às roças\* e engenhos\* em que viviam. Outros rebelaram-se e entraram em luta aberta, assassinando seus senhores.

Diante disso, os senhores do açúcar pressionaram o governador do Brasil, exigindo que o papa Antônio fosse caçado e o movimento fosse destruído. Porém, um dos fazendeiros, Fernão Cabral de Ataíde, convenceu o governo de que seria melhor atrair a Santidade para o litoral antes de atacá-la. Esse fazendeiro, então, enviou alguns dos seus homens em busca de Antônio, dentre eles Tomacaúna, filho de português e indígena conhecedor dos sertões e dos costumes nativos. O papa Antônio não foi convencido a deslocar-se para perto dos brancos, mas boa parte de seu séquito seguiu para o litoral e instalou-se nas terras de Fernão Cabral, nas margens do rio Jaguaripe.

A Santidade permaneceu em Jaguaripe por poucos meses. Enquanto lá esteve, Fernão Cabral permitiu que os indígenas construíssem uma igreja, onde depositaram o ídolo a que prestavam culto e passaram a realizar suas cerimônias. A liberdade concedida à Santidade e a proximidade com outras fazendas aumentou a tensão. Mais escravizados passaram a fugir de seus senhores e buscar refúgio em Jaguaripe. Outros fazendeiros passaram a acusar Fernão Cabral de roubar os seus escravos, e de manter a Santidade nas suas terras em proveito próprio.

A pressão dos outros senhores surtiu efeito no próprio governador, que despachou uma tropa para pôr fim à Santidade de Jaguaripe. Apesar do clima tenso que acompanhou a operação, os indígenas não reagiram aos homens que puseram fogo à igreja, confiscaram os seus objetos sagrados e devolveram os cativos fugidos a seus donos. Os líderes da Santidade em Jaguaripe foram presos, levados para Salvador e, de lá, remetidos para Portugal. A experiência da Santidade de Jaguaripe terminava assim, sem conflito aberto. Mas aparentemente esse não foi o fim da Santidade do papa Antônio, apesar de desconhecermos o seu

paradeiro. Uns dizem que morreu assassinado, outros que desapareceu sem deixar vestígios... Há quem afirme que, por anos a fio, os indígenas continuaram a se organizar nas matas que cercavam Salvador e a sua baía. De qualquer maneira, por muito tempo os senhores do açúcar e as autoridades coloniais continuariam chamando “santidades” a qualquer movimento de indígenas que, como aquele liderado pelo papa Antônio, se levantasse e ameaçasse a dominação portuguesa daqueles territórios.

#### Glossário:

- \* Engenhos – propriedade agrícola que inclui moinhos de açúcar.
- \* Roças – grandes propriedades agrícolas.

#### Referências

- \* AGUIRRE, Susana E. (ed.), *Resistência Indígena na América Ibérica, séculos XVI XIX*, PROJECTO RESISTANCE, YouTube, 30 de abril de 2022, disponível em [youtu.be/\\_ENWJYmw74I](https://youtu.be/_ENWJYmw74I).
- \* PEREYRA, Osvaldo Víctor; SANCHOLUZ, Carolina; REITANO, Emir; AGUIRRE, Susana (org.), *Conflictos y resistencias: la construcción de la imagen del «otro». Selección de documentos fundamentales para la comprensión de la expansión atlántica*, City Bell, Editorial Teseo, 2021, disponível em <https://www.editorialteseo.com/archivos/19984/conflictos-y-resistencias-la-construccion-de-la-imagen-del-otro/>.
- \* VAINFAS, Ronaldo, *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*, São Paulo, Companhia das Letras, 2022.
- \* VALENZUELA MÁRQUEZ, Jaime, *América en diásporas. Esclavitudes y migraciones forzadas en Chile y otras regiones americanas (siglos XVI-XIX)*, Santiago, RIL editores - Instituto de Historia, Pontificia Universidad Católica de Chile, 2017, disponível em [https://www.academia.edu/29465329/Am%C3%A9rica\\_en\\_di%C3%A1sporas\\_Esclavitudes\\_y\\_migraciones\\_forzadas\\_en\\_Chile\\_y\\_otras\\_regiones\\_americanas\\_siglos\\_XVI\\_XIX\\_Editor\\_LIBRO\\_COMPLETO\\_](https://www.academia.edu/29465329/Am%C3%A9rica_en_di%C3%A1sporas_Esclavitudes_y_migraciones_forzadas_en_Chile_y_otras_regiones_americanas_siglos_XVI_XIX_Editor_LIBRO_COMPLETO_).



# 04.

Resistir  
à censura da  
Inquisição

# 1647

## Resistir à censura da Inquisição

*Georeferenciação: Lisboa | Frankfurt | Roma | Madrid*

Em 1580, quando Portugal foi agregado à Coroa dos Habsburgos\* castelhanos perdeu o direito a definir a sua política externa. Assim, na Península Ibérica, o representante da Santa Sé (o Núncio) ficou reduzido face ao de Madrid; para Portugal veio um coletor, um agente teoricamente destinado à cobrança de direitos, o que equivalia a subalternizar Portugal no palco europeu.

Depois da Restauração (1640) e até à paz de 1668, o papa não reconheceu o novo rei (D. João IV), pelo que não havia troca de embaixadores entre Portugal e a Santa Sé. Este vazio causava grandes embaraços, pois, entre outras situações, não eram nomeados novos bispos e faziam falta. Para obviar aos inconvenientes, Roma manteve em Portugal o vice-coletor, Girolamo Battaglia, mas este foi-se embora no final de 1646, e aumentaram as expectativas sobre o que poderia suceder.

Ora, em Fevereiro de 1647, um impressor publicou um panfleto em latim, a língua erudita e internacional da época, sobre a saída de Battaglia. O texto tinha três páginas e, entre outras coisas, afirmava que Battaglia tinha sido expulso de Portugal. Era uma publicação clandestina, que não passara pela censura, como era obrigatório na época, mesmo para estes folhetos de pouca extensão. Tudo fora feito em Lisboa, mas o lugar de publicação registado foi o de Frankfurt e o nome do tipógrafo, o de um alemão. Pretendia-se passar a ideia que o texto chegara a Portugal já impresso.

Mal a Inquisição\* de Lisboa soube da

publicação, proibiu-a, ordenou que os exemplares fossem recolhidos e que se apurasse quem eram os implicados. Começou por mandar chamar quatro pessoas para interrogar, sendo uma delas um jovem livreiro de 12 anos, que vendera alguns desses folhetos. Outra das pessoas foi o impressor Domingos Lopes Rosa, cristão-velho\*, de cerca de 40 anos, natural e morador em Lisboa, que confessou logo que imprimira o texto, a mando do Conde camareiro-mor\*. Alegou que não sabia latim e que por isso não conhecia o conteúdo do papel. Referiu que confiara que não teria problemas porque quatro anos antes imprimira outro folheto, nas mesmas circunstâncias, a dizer mal dos reis de Espanha, igualmente a pedido do mesmo aristocrata, e não teve aborrecimentos.

Desta vez, Domingos não teve a mesma sorte. A 22 de Março, Domingos Lopes Rosa foi preso por imprimir sem as licenças da censura, designadamente a da Inquisição, e por revelar a várias pessoas o que confessara quando fora interrogado. Talvez por ter apelado a algumas delas para que intervissem a seu favor, junto do rei e da Inquisição, foi encarcerado numa cadeia pública e não no Santo Ofício\*. Ali seria menos vigiado e também lesava menos a sua honra, pois não gerava nos outros a suspeita de que estava preso por heresia\*. Quando necessário, era levado ao Santo Ofício para os interrogatórios.

Durante o processo Domingos Lopes Rosa defendeu-se. Tentou rebater a acusação dizendo que executara o pedido do camareiro-mor sem malícia, pelo facto do conde ser familiar do Santo

Ofício\* e pessoa próxima do rei. Contudo, depois de 20 dias preso, tentou negociar e conseguiu ser libertado três dias mais tarde.

Porque a Inquisição era muito rigorosa com a censura, antes de Domingos sair, teve de ouvir a sua sentença na sala do Santo Ofício, diante dos impressores de Lisboa. Era uma atitude disciplinadora e intimidatória da Inquisição para com estes tipógrafos. Domingos foi condenado a pagar uma multa, todos os seus folhetos sem licença seriam queimados e durante um ano não poderia exercer a sua actividade.

Dadas as suas dificuldades financeiras, quase um mês depois da sentença, solicitou que lhe fosse perdoada a multa e que pudesse voltar a trabalhar. Só obteve autorização para acabar a impressão dos livros que tinha deixado inacabados. Como estes eram poucos, uns dias depois insistiu: pediu o pleno retorno ao trabalho. Por fim, a 21 de Maio de 1647, conseguiu o seu intento.

Na sociedade portuguesa do século XVII, escapar à censura não era fácil, fosse para um autor, fosse para um simples tipógrafo, mas não faltaram casos de pessoas que a ela resistiram com maior ou menor sucesso.

### Glossário:

- \* Camareiro-mor – ajudava a vestir e despir o monarca. Era um dos ofícios mais importantes da Casa Real.
- Cristãos-novos / conversos – Judeus convertidos ao catolicismo e seus descendentes.
- Sobre todos eles recaía a suspeita de praticarem a sua antiga fé judaica.
- \* Cristãos-velhos – Nome dado às pessoas cujos ascendentes sempre foram católicos. Designação que se contrapõe a cristãos-novos (ver).
- \* Familiar do Santo Ofício – homem secular, cristão-velho, que se candidatara para ser ajudante da Inquisição e fora aceite.
- \* Habsburgo – Dinastia que nessa época governava a Espanha.
- \* Heresia – confissão religiosa que não era a católica romana
- \* Santo Ofício – Inquisição
- \* Tribunal destinado a controlar a heresia e os desvios na prática religiosa; nesse âmbito também fazia censura, fiscalizando tudo o que era impresso.

### Referências

- \* ANASTÁCIO, Vanda, «“Heróicas virtudes e escritos que as publiquem”. D. Quixote nos papéis da Restauração», *Revue der iberischen Halbinseln*, n. 28, 2007, pp. 117-136.
- \* COSTA, Leonor Freire, e Mafalda Soares da Cunha, *D. João IV*, Lisboa, Temas e Debates-Actividades Editoriais, 2008.
- \* MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro, *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2013.
- \* MARTINS, Maria Teresa Payan, *Livros clandestinos e contrafacções em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Colibri, 2013.



# 05.

A vendedora  
de sonhos



# 1588

## A vendedora de sonhos

*Georeferenciação: Madrid*

Em janeiro de 1588, uma jovem madrilenha chamada Lucrécia sonhou que não havia um retrato dela como profeta. Indignada e surpresa, perguntou qual era a razão para essa ausência, e disseram-lhe: “não se pintam mulheres entre os profetas”. Meses antes, Lucrécia havia começado a sonhar que viajava por outros reinos e via coisas terríveis que sucederiam em Espanha e com as suas gentes, num futuro não muito distante, devido ao mau governo do rei Felipe II\*.

Desde a Antiguidade, os profetas eram principalmente homens que serviam como mediadores entre Deus e a humanidade, e anunciavam o futuro. Muitos deles foram bem estimados. Se é verdade que existiram mulheres

profetas, na época de Lucrécia desconfiava-se delas. De onde vinham estas crenças? Segundo o mito bíblico, a mulher era a encarnação do mal, por ter dado o fruto proibido a Adão. Para mais, a medicina clássica - grega e romana – sustentava que, por natureza, a mulher era mais sonhadora e mentirosa. Foi assim que se foi criando uma cultura patriarcal e misógina\* que desqualificava as mulheres. Por isso, foram-lhes fixados dois caminhos ideais para seguir: o casamento ou o convento. Mas fosse por vontade própria ou por necessidade, nem todas seguiram esses modelos. Lucrécia foi uma dessas mulheres que, com astúcia ficou rapidamente célebre, ganhando o favor de personalidades importantes que chegaram a chamar-lhe “mãe dos profetas”.

Como é que uma jovem humilde, laica e sem muita educação conseguiu alcançar tanta fama? Em primeiro lugar, Lucrecia fez-se constantemente de tonta e ignorante. Se repreendia ou aconselhava o rei e as autoridades religiosas, se anunciava futuros dourados e mudanças de mando político, dizia: “o que digo não é meu”. Procurava sempre esconder as suas opiniões por trás das mensagens que tinha nos sonhos. O uso do sonho também a protegia porque, como hoje, o sonho era considerado um fenómeno natural que não podia ser controlado. No entanto, naquela época, sonhar podia ser problemático, porque os sonhos podiam provir de Deus, do Demónio ou dos pensamentos do sonhador. Lucrecia dizia: “sou criança e não tenho entendimento”, e dizia contar as coisas para que os sábios avaliassem se o que sonhava vinha de Deus ou do Diabo.

Então por que é que a prenderam e condenaram a viver desterrada da sua cidade, longe da sua família? Apesar de sonhar não constituir um problema, as suas mensagens críticas e negativas aos poderes políticos e religiosos do seu tempo levantaram suspeitas. No século XVI, muita gente usou o mundo do imaginário para pintar quadros favoráveis ou desfavoráveis, segundo sua maneira de pensar. Era uma forma de fazer campanha política. Por essa razão, o destino dos profetas podia ser a honra ou o cárcere. Ora como Lucrecia descreveu uma imagem negativa e burlesca de figuras da realeza, incluindo o rei da Espanha foi mal compreendida. Quando a prenderam, continuou a dizer-se inocente, repetindo que apenas sonhava e os outros é que acreditavam nos seus sonhos.

Não sabemos o que aconteceu com ela depois de sair da prisão. O que, sim, sabemos é que deixou a marca de uma mulher valente e corajosa, que saiu

do anonimato, angariou doações e presentes para a sua família, e conheceu um amante e sem casar com ele, teve uma filha, em aberta oposição ao que mandava a Igreja. Os seus sonhos ou imaginações permitiram-lhe questionar as normas impostas ao seu género, como o matrimónio e a maternidade, que descreveu como um fardo: “tenho mais vontade de sair deste mundo (morrer) do que criar filhos”.

Lucrecia é um exemplo de como as mulheres inventaram formas para resistir às normas impostas ao seu género, superando por meio do discurso religioso e da dissimulação da obediência a obrigação de permanecerem em silêncio, e convertendo-se por vezes em escritoras e conselheiras de estado. No seu caso particular, criou um espaço a partir do qual podia opinar e sonhar-se como heroína e rainha soberana.

#### Glossário:

- \* Cultura patriarcal e misógina – Cultura onde prevalece a autoridade masculina com exclusão da participação feminina
- \* Filipe II – rei de Espanha, entre 1556 e 1598, que em 1580 até à sua morte, se tornou rei de Portugal com o nome Filipe I.

#### Referências

- \* JORDÁN ARROYO, María, *Soñar la historia. Vida y textos de Lucrecia de León en la España del Siglo de Oro*, Madrid, Siglo XXI, 2007. Tradução portuguesa: *Sonhar a história*, Bauru, EDUSC, 2010.
- \* JORDÁN ARROYO, María ., *Entre la vigilia y el sueño. Soñar en el Siglo de Oro*, Madrid y 0Frankfurt-am-Main, Iberoamericana-Vervuert, 2017.
- \* KAGAN, Richard, *Los sueños de Lucrecia. Política y profecía en España del siglo XVI*, Madrid, Nerea, 1991



06.

Desordens  
e loucuras

# 1638-1649

## Desordens e loucuras

*Georeferenciação: Lisboa | Madrid | Roma*

Junho de 1638. Uma movimentação incomum ocupou o Convento de Nossa Senhora da Graça, de frades agostinhos\*. O convento localizava-se numa das colinas de Goa, então capital do Estado da Índia português. Os padres “filhos da Índia”\* eram os responsáveis pela conjuntura de tensões que há algum tempo afligia os agostinhos daquela parte do Império português.

Na manhã de 17 de junho, no crescimento da atmosfera de conflitos, um grupo de frades rebeldes invadiu o Convento de Nossa Senhora da Graça, derrubando com machados e paus de ferro o muro que separava o convento do Colégio de Nossa Senhora do Populo, onde viviam. O muro havia sido erigido pouco antes, justamente para controlar aqueles jovens religiosos, vistos como tomados pelo “fogo da ira e da paixão”. Já dentro do convento, eles tocaram os sinos e, em capítulo\*, aclamaram um novo líder.

Para o ocupar o cargo, escolheram o mais velho dos “filhos da Índia” que era reitor do mesmo colégio, frei Antão de Jesus, nascido em Baçaim, na Província do Norte da Índia portuguesa, em substituição a outro que veio de Portugal. Carregando armas, clamavam por liberdade, direito de autonomia e autogoverno. Foram acusados de parecerem mais soldados do que eclesiásticos, uma queixa muitas vezes repetida na correspondência entre vice-reis e o centro da monarquia de Espanha\* em Madrid. Pretendiam a elevação da Congregação da Índia Oriental a uma posição de província\* independente, com separação dos confrades de Portugal.

Até aquela época, a Congregação da Índia

Oriental, de que faziam parte, estava subordinada ao convento-mãe da Província de Portugal, em Lisboa. Era contra esta dependência que esses frades em Goa se rebelavam.

Quinze dias antes do ato de insubordinação de 1638, em 2 de junho, 77 frades da Congregação assinaram um termo de juramento de rompimento com a Província de Portugal, acusando-a de governo intruso. Alegaram ter-se esgotado o prazo do tempo de governo da Província de Portugal. Elencaram argumentos derivados do direito natural\* e da liberdade, baseados no entendimento de que, dentro da vida em sociedade, cada um devia ocupar o espaço que lhe é natural.

O motim expôs a fratura entre dois grupos de religiosos na Congregação da Índia Oriental: os que se tornaram frades no Reino e os que o fizeram em Goa. A conspiração foi urdida entre os frades com profissão no Convento de Nossa Senhora da Graça, em Goa, a maioria com procedência de Portugal (417), correspondendo a 66%, enquanto uma minoria tinha por origem o Estado da Índia, 118, totalizando 20% do universo dos insurretos. Embora fossem reinóis\*, teriam chegado à Índia com idade inferior a 20 anos, talvez na condição de soldados. Era a longa permanência na Ásia e o desejo de se auto-governarem que os incentivavam à revolta.

O motim foi tratado pelo Conselho de Estado da Índia\*. Na fase inicial da peleja, os conspiradores conquistaram a vitória de lutarem pela pretensão de construção de uma província autónoma, junto aos prelados superiores em Roma. Acontece que

poucos anos depois, mudanças políticas na Europa prejudicaram esses planos. Na conjuntura política da Restauração\* da década de 1640, o Papado, em Roma, não anunciou aos agostinhos da Índia uma resposta conclusiva aos rogos independentistas.

Tal situação não impediu que novos episódios de conflagrações assolassem os agostinhos em Goa. Em 1648, em janeiro, novo incidente contra o prelado em exercício culminou no assassinato do provincial\*, frei Alexandre de Noronha. Os insurretos arrombaram a porta da sua cela, mataram-no por sufocamento e, em seguida, jogaram-no de uma janela. Era um “caso atroz”, na expressão de D. João IV\* na carta que enviou ao vice-rei da Índia, no início do ano de 1649, e em que ordenou o embarque imediato dos culpados para o reino, para evitar que eles fugissem da justiça, escapando para a “terra de mouros”\*.

#### Glossário:

- \* Agostinhos – religiosos pertencentes à ordem dos eremitas de Santo Agostinho (ramo de Portugal)
- \* Capítulo – assembleia de religiosos
- \* Conselho de Estado da Índia – órgão consultivo do vice-rei do Estado da Índia, no período das decisões sobre o motim agostiniano foi integrado, além do vice-rei, pelo arcebispo primaz da Índia e dois inquisidores
- \* Direito natural – no sentido atribuído pelos rebeldes agostinhos, é tratado como inerente à natureza humana e apoiado na lei divina
- \* D. João IV – primeiro monarca da Restauração, reinou de 1640 a 1656.
- \* “Filhos da Índia” – religiosos agostinhos, de procedência de Portugal ou Ásia, que vestiram o hábito no Convento de Nossa Senhora da Graça em Goa
- \* Monarquia de Espanha – no período da eclosão do motim, Portugal e os domínios ultramarinos integravam a monarquia dos Habsburgo
- \* Provincial – religioso que detém o governo de conventos de uma determinada Província, o termo era também de uso para o superior dos agostinhos na Ásia.
- \* Província – a ordem dos eremitas de Santo Agostinho divide-se em Províncias.
- \* Reinóis – nascidos no Reino (Portugal)
- \* Restauração – independência de Portugal da Espanha em 1640
- \* “Terra de mouros” – territórios islâmicos no subcontinente indiano.

#### Referências

- \* CUNHA, Mafalda Soares da (org.), *Resistências: Insubmissão e Revolta no Império Português*, Alfragide, Casa das Letras, 2021.
- \* GONÇALVES, Margareth de Almeida. Religiosos em armas: o motim dos agostinhos da Congregação da Índia Oriental (Goa, 1638). *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 21, n. 43, p. 122-146, jan./abr. 2020.
- \* SUBRAHMANYAM, Sanjay, *O império asiático português 1500-1700 - uma história política e económica*, Lisboa, Difel, 1995.
- \* THOMAZ, Luís Filipe, *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel, 1994.
- \* XAVIER, Ângela Barreto, *A invenção de Goa, poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, ICS, 2008.



07.

Resistir  
nas águas  
sulfurosas  
do Japão



## 1629-1634

# Resistir nas águas sulfurosas do Japão

**Georeferenciação:** Takasu | Monte Unzen | Nagasaki | Macau

Esta é a história de Beatriz da Silva e de sua filha, Maria da Costa, acusadas de serem cristãs num país, e num tempo, onde o cristianismo tinha sido proibido.

Beatriz nasceu na cidade de Nagasaki, no Japão. O seu pai era português e a sua mãe japonesa, e cristã, embora esta não fosse a fé mais praticada no Japão. Beatriz casou-se com um mercador português chamado António da Silva, que chegou ao Japão no ano de 1600, a mesma altura em que Tokugawa Ieyasu assumiu o poder naquele território.

Uma das medidas impostas por Tokugawa Ieyasu foi a proibição de as pessoas no Japão seguirem a fé cristã. Era uma proibição rigorosa, que previa castigos para aqueles que lhe desobedecessem.

Apesar disto, Beatriz continuou fiel às suas crenças. Chegou a acolher em sua casa um outro

cristão, o jesuíta japonês António Ishida, que acabou por ser capturado em novembro de 1629. Por causa da sua fé e de ter dado guarida a um religioso cristão, Beatriz foi acusada perante o governo local, a Shôya, e presa juntamente com a filha Maria.

O governador Takenaka Shigeyoshi insistiu com Beatriz e Maria para que renegassem a fé cristã, mas as duas recusaram-se a fazê-lo.

Presos em Nagasaki, Beatriz, Maria e o jesuíta António Ishida foram levados para Takasu, cidade perto do monte Unzen, um complexo vulcânico com fontes de água fervente.

No cortejo seguiam também outros quatro sacerdotes: três padres agostinhos\* e um franciscano\*. Os religiosos iam a cavalo, mas Beatriz e Maria seguiam arrastadas pelo cavalo montado por António Ishida, com correntes nos pés

e com os braços e as mãos amarrados.

Era Maria quem mais atraía o olhar de quem assistia à passagem do cortejo, pela sua pouca idade, delicadeza e nudez.

Assim que chegaram a Takasu, os sete prisioneiros foram separados em choupanas diferentes, acorrentados nos pés e algemados nas mãos. A vigilância dos guardas era rigorosa, impedindo os prisioneiros de se confortarem uns aos outros.

Um a um, os prisioneiros foram levados para serem torturados nas águas ferventes e sulfurosas do monte Unzen e instados a renegar a fé cristã.

A jovem Maria recusou-se a abdicar da sua fé. A água fervente causava dor intensa, a acidez provocada pelo enxofre corroía a carne até aos ossos. Maria perdeu os sentidos, para entusiasmo dos carrascos que a torturavam. De todos os prisioneiros, foi a primeira a ser levada de volta a Nagasaki, embora tenha pedido com veemência para ficar, juntamente com a sua mãe e os cinco sacerdotes, e apesar do risco de ser novamente torturada.

Assim como a filha, Beatriz manteve-se firme na defesa da sua fé e também foi torturada em águas ferventes. Foi também colocada em cima de uma pequena pedra, ameaçada e insultada, enquanto inalava o vapor sulfuroso daquelas águas. Beatriz resistiu com coragem. Até mesmo quando os carrascos a tentaram desmoralizar dizendo-lhe que a filha tinha renegado o cristianismo. Quanto mais tentavam quebrá-la, mais força e resistência encontravam em Beatriz.

Quando finalmente puderam voltar a reunir-se, Beatriz da Silva e Maria da Costa tinham cicatrizes nos corpos e nas almas. Em 1634, foram para Macau, juntamente com o seu pai e marido, a quem o governo confiscou 30.000 taéis\*, que era uma fortuna considerável...

Dois anos depois, Beatriz e Maria tornaram-se freiras no convento de Santa Clara, em Macau, e adotaram os nomes de Beatriz de Santa Maria e Maria da Madre de Deus.

Beatriz de Santa Maria era chamada mãe pelas freiras do convento e avó pelas crianças. Conhecida pela sua doçura e generosidade, foi venerada como santa.

Maria da Madre de Deus, ficou conhecida como “a Japoa”. Foi eleita abadessa, um cargo religioso de primeira dignidade, e tomou conta da mãe até esta morrer, principalmente nos momentos em que Beatriz revelava a fragilidade mental decorrente dos maus-tratos que lhe foram infligidos no monte Unzen.

Juntamente com a filipina Marta de San Bernardino, foram as religiosas que mais se distinguiram em Macau. A sua história pode ser conhecida hoje como um exemplo de fé e resistência.

Beatriz e Maria fizeram parte dos inúmeros cristãos que pela política repressiva japonesa, contrária à mensagem igualitária do Novo Testamento, foram torturados para renegar a sua fé. Muitos dos que sobreviveram fugiram do Japão ou continuaram cristãos na clandestinidade. Chamavam-lhes Kakure Kirishitan («cristãos escondidos»).

#### Glossário:

- \* Agostinho – frade da ordem religiosa de Santo Agostinho.
- \* Franciscano - frade da ordem religiosa de São Francisco de Assis.
- \* Tael / taéis – unidade monetária chinesa, cujo valor varia conforme a região.

#### Referências

- \* CUNHA, Mafalda Soares da (org.), *Resistências: Insubmissão e Revolta no Império Português*, Alfragide, Casa das Letras, 2021.
- \* HESPANHA, António Manuel, *Filhos da Terra Identidades Mestiças nos Confins da Expansão Portuguesa*, Tinta da China, 2019.
- \* PENALVA, Elsa, *Mulheres em Macau: donas honradas, mulheres livres e escravas, séculos XVI e XVII*, Lisboa, CHAM, 2011.
- \* SUBRAHMANYAM, Sanjay, *O império asiático português 1500-1700 - uma história política e económica*, Lisboa, Difel, 1995.



08.

De escravo  
a missionário

# 1757-1790

## De escravo a missionário

*Georeferenciação: Mariana | Coimbra | Luanda | Congo*

André do Couto Godinho nasceu escravo no Brasil, por volta de 1720, na freguesia do Sumidouro, vila de Mariana em Minas Gerais. Era filho de pais africanos alforriados\*. André terá aprendido as primeiras letras e estudado gramática e latim numa escola que educava meninos pobres e libertos.

Em 1752, foi estudar para a Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra. A entrada no curso de direito da Igreja de Roma exigia um sólido conhecimento de latim, mas não havia barreiras legais quanto à origem social ou à cor dos candidatos, nem tampouco grandes barreiras financeiras. Talvez tenham surgido alguns obstáculos no decorrer do curso, mas foram ultrapassados e André graduou-se em 1757. O verdadeiro obstáculo surgiu a seguir, quando André se preparava para o seu doutoramento.

Nessa altura, uma anotação feita nos seus exames finais impediu que ele pudesse obter o título de doutor e concorrer a cargos públicos no reino. Dizia a anotação: “Homem preto: não tem informação”.

André não foi o único a ser rejeitado. Outros estudantes negros (nascidos em Angola, no Brasil ou em Portugal) foram igualmente “avaliados”. Era um sinal dos tempos em que a cor da pele e a origem africana se impunham como motivo principal para desclassificar uma pessoa, mesmo que tivesse os melhores resultados académicos.

André tornou-se, então, frade missionário,

dentro da ordem franciscana, carreira na qual também encontraria barreiras por ser descendente de africanos.

Por isso, quando o bispado\* de Angola precisou de mais frades para os serviços religiosos, vinte e um missionários foram recrutados em Portugal. Entre eles estava André. O grupo desembarcou em Luanda, capital e sede do bispado de Angola, em 4 de dezembro de 1779.

Na apresentação dos missionários ao bispo, o nome de André do Couto Godinho era o primeiro da lista. Era o mais velho do grupo, com cerca de 59 anos. Não tinha ido para Angola por mero acaso ou por imposição superior, mas porque assim o quisera. Ao lado do nome de André, estava esta breve apresentação: “Homem preto, natural do Brasil, formado em Cânones. Embarca com ardentes desejos de ir à missão no Congo”.

Ao padre André foi concedido o desejo de ir ao Congo. Junto com ele foram outros três missionários.

A missão ao Congo era muito importante, tanto para o governo de Luanda, quanto para o novo rei do Congo, Nepaxi Giacana, que havia sido eleito no ano anterior. O rei Nepaxi Giacana, batizado D. José I de Água Rosada, estava em guerra contra rivais que não aceitavam a sua eleição. Ele queria apoiar-se nos missionários e nos ritos cristãos para legitimar o seu poder. A mesma estratégia já tinha sido utilizada pelos seus antecessores. A coroa portuguesa, por seu turno, estava preocupada com

a concorrência de estrangeiros de outros países europeus que faziam comércio nas imediações do Congo. Era esperado que os missionários facilitassem os negócios dos comerciantes portugueses.

Durante uma década André trabalhou na missão do Congo onde morreu, por volta de 1790.

André, a exemplo de outros homens e mulheres libertos\*, que viveram em diferentes lugares do império português, resistiu, durante toda a sua vida, aos limites que lhe foram impostos pela sociedade escravista e pelas hierarquias e preconceitos fundados na raça. Resistiu àqueles que lhe negaram o merecido título de doutoramento encontrou alternativas de vida dentro da Igreja e no final decidiu morrer em terras de missão. Mas a história desse homem também ilumina os confrontos contra a discriminação e a injustiça.

#### Glossário:

- \* alforria – Palavra de origem árabe que significa a liberdade concedida ao escravizado.
- \* bispado - Território administrado por um bispo. É sinônimo de diocese
- \* libertos – escravizado que obteve a liberdade.

#### Referências

- \* CALDEIRA, Arlindo (ed.), *Resistência dos Africanos Escravizados nos Impérios Ibéricos entre 1500 e 1850*, PROJECTO RESISTANCE, YouTube, 8 de fevereiro de 2022, disponível em [youtu.be/qd-sPk4a4p8](https://youtu.be/qd-sPk4a4p8).
- \* CALDEIRA, Arlindo, *Escravos em Portugal*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2013.
- \* CUNHA, Mafalda Soares da (org.), *Resistências: Insubmissão e Revolta no Império Português*, Alfragide, Casa das Letras, 2021.
- \* GOUVEIA, António Camões (coord.), *Contar Áfricas!*, EGEAC E.M – Padrão dos Descobrimentos., 2018, acesso <https://padraodosdescobrimentos.pt/evento/nova-exposicao-contar-africas/>



09.

Uma bruxa  
afro-caribenha



## 1624-1632

# Uma bruxa afro-caribenha

*Georeferenciação: República Dominicana | Cuba | Cartagena*

Paula de Eguiluz foi uma mulher escravizada, de ascendência africana, que viveu em diferentes lugares do Caribe, no século XVII (nas atuais República Dominicana, Cuba e Colômbia). Paula tinha conhecimentos de artes de cura com plantas e ervas, e também de práticas mágico-religiosas que foram consideradas feitiçaria e bruxaria aos olhos da comunidade cristã-católica. Por isso, foi denunciada na Inquisição de Cartagena das Índias (atual Colômbia), em 1624. Os documentos do seu julgamento dizem-nos que ela negou as acusações que os seus vizinhos lhe haviam feito (como a de chupar o umbigo de crianças ou de fazer pacto com o diabo), e também explicou que eles a haviam acusado porque tinham inveja, já que ela era mulher do alcaide das minas\*. Mesmo assim, ela foi considerada culpada e condenada a receber 200 açoites, a ser desterrada para Cartagena, a trabalhar no hospital daquela cidade e a vestir para sempre um sambenito (o traje que identificava os

condenados pela Inquisição).

Como forma de conseguir certa autonomia económica e social, Paula passou, então, a vender em Cartagena os seus conhecimentos de magia amorosa, na forma de poções, banhos, amuletos e rezas, para mulheres brancas e mulatas livres. Esta atividade deu-lhe independência e poder, o que não era facilmente admitido, na época, para mulheres (e menos ainda em escravizadas). Ela também se reunia fora da cidade com outros escravizados para realizar práticas próprias das culturas afro-caribenhas, como danças, rituais e festas religiosas de caráter africano, mas que se haviam misturado com certas crenças católicas e que serviam de ambiente de resistência ao sistema escravista e cristão-católico. Por causa de uma magia que não surtiu o efeito esperado, Paula foi denunciada pela segunda vez à Inquisição, em 1632. Durante seu processo, e pensando que isto

iria aliviar a sua condenação, ela decidiu dizer o que os inquisidores queriam ouvir. Ou seja, aceitou as acusações de bruxaria e de que praticava os atos sobrenaturais atribuídos às bruxas. Porém também argumentou que os seus conhecimentos em curas com ervas e plantas serviam para ajudar as pessoas.

Mas isto não ajudou Paula. Ela teve que denunciar outras pessoas que faziam parte das reuniões e festas, e outras mulheres que usavam e vendiam magia amorosa. O resultado desse processo (por ser a segunda vez que se via diante da Inquisição) foi condenada a prisão perpétua e mais 200 açoites. O terceiro processo de Paula realizou-se com ela na prisão, e começou quando um oficial da Inquisição de Cartagena quis rever o seu segundo julgamento, porque várias das mulheres denunciadas por Paula queriam testemunhar contra ela (aparentemente por vingança). Infelizmente, a documentação do terceiro processo está incompleta e não temos certeza se ela foi castigada uma terceira vez.

Nesta história de vida, podemos observar uma luta constante por parte das autoridades religiosas para reprimir a mistura entre cristianismo, saberes africanos e das populações originárias. Mas também se compreende que o comércio da magia amorosa, as reuniões clandestinas e mesmo as estratégias que Paula adotou nos seus testemunhos na Inquisição mostram-nos como as pessoas podiam resistir ao sistema escravista e como existiram pequenos espaços para práticas e formas de associação comunitária que lhes davam certa liberdade.

### Glossário:

- \* Alcaide das Minas - oficial do rei encarregado da cobrança de impostos sobre a mineração.

### Referências

- \* AGUIRRE, Susana E. (ed.), *Resistência Indígena na América Ibérica*, séculos XVI XIX, PROJECTO RESISTANCE, YouTube, 30 de abril de 2022, disponível em [youtu.be/\\_ENWJYmw74I](https://youtu.be/_ENWJYmw74I).
- \* BETHENCOURT, Francisco, *Racismos, das Cruzadas ao século XX*, Lisboa, Temas e Debates, 2015.
- \* CALDEIRA, Arlindo (ed.), *Resistência dos Africanos Escravizados nos Impérios Ibéricos entre 1500 e 1850*, PROJECTO RESISTANCE, YouTube, 8 de fevereiro de 2022, disponível em [youtu.be/qd-sPk4a4p8](https://youtu.be/qd-sPk4a4p8).
- \* VALENZUELA MÁRQUEZ, Jaime, *América en diásporas. Esclavitudes y migraciones forzadas en Chile y otras regiones americanas (siglos XVI-XIX)*, Santiago, RIL editores - Instituto de Historia, Pontificia Universidad Católica de Chile, 2017, disponível em [https://www.academia.edu/29465329/Am%C3%A9rica\\_en\\_di%C3%A1sporas\\_Esclavitudes\\_y\\_migraciones\\_forzadas\\_en\\_Chile\\_y\\_otras\\_regiones\\_americanas\\_siglos\\_XVI\\_XIX\\_Editor\\_LIBRO\\_COMPLETO\\_](https://www.academia.edu/29465329/Am%C3%A9rica_en_di%C3%A1sporas_Esclavitudes_y_migraciones_forzadas_en_Chile_y_otras_regiones_americanas_siglos_XVI_XIX_Editor_LIBRO_COMPLETO_).



10.

Anita,  
Índia Ladina

# 1777-1780

## Anita, Índia Ladina

*Georeferenciação: Buenos Aires | Rio da Prata*

Em 1536, os castelhanos fundaram a cidade que ficaria conhecida como Buenos Aires, na margem do Rio da Prata. Era um espaço novo para os recém-chegados, mas habitado desde há muito tempo por comunidades nativas de nômadas. A relação entre uns e outros, com tensões e lutas, esteve presente desde o início. No entanto, é necessário um trabalho intensivo com os documentos para encontrar menções a eles, aos seus nomes e conhecer as suas vidas. Este esforço ainda é maior quando se trata de mulheres, que, como sempre, estão pouco presentes nos documentos.

Na segunda metade do século XVIII, Ana Maria, ou Anita, nascida em território indígena, ou seja *entre os seus*, foi cristianizada e aprendeu o espanhol. Por isso, era chamada “índia ladina”\*. Índios e índias eram, de resto, as designações dadas na época às populações originárias.

Em algum momento do ano de 1777, Anita foi levada para a Casa de Recolhidas\* de Buenos Aires. Apesar de ser uma instituição destinada à reclusão de mulheres “escandalosas e de mal viver”, também funcionava como lugar de recepção para as índias que eram trazidas do campo e encaminhadas para o serviço doméstico na cidade. Buenos Aires crescera, mas bastava afastar-se um pouco em direção ao campo para que a paisagem desse lugar a ranchos esparsos e a gado pastando nas planícies.

Desde a sua chegada à Casa de Recolhidas, Anita ocupou-se, entre outras tarefas, em ir ao rio para lavar roupa. A distância a percorrer era curta, mas o caminho dava-lhe a oportunidade de ver outras pessoas e criar novas relações.

Pelo que se sabe, ela não chegou a permanecer nem um ano na Casa de Recolhidas. Em 5 de dezembro de 1777, foi ao rio lavar roupa com outras duas índias e fugiu. Procuraram-na na cidade, mas ninguém tinha notícia delas. Pouco mais de um mês depois, em 25 de janeiro, encontraram uma, escondida no rancho de outra índia.

As averiguações continuaram, e em 29 de janeiro as duas cúmplices de Anita já estavam de volta à Casa de Recolhidas.

Diante dessa situação, foi criado um regulamento para a Casa, que começava assim: “se saírem algumas índias para lavar no rio ou para comprar algo na mercearia, irá tomar conta delas um soldado para que não fujam, e no seu regresso deverá entregá-las à diretora [da Casa]”. A referência à fuga das três indígenas era clara.

Ninguém soube mais nada sobre Anita até junho de 1780, quando se descobriu que ela havia permanecido escondida, vivendo com Miguel Ramos, que também era índio. Suspeitou-se que Miguel havia agido com malícia, tomando parte na fuga das três mulheres, porque uns dias antes ele havia se aproximado da Casa procurando por Anita. A motivação de Miguel pode ter sido a vontade de se aproveitar do trabalho da índia, ou mesmo um interesse amoroso. Isto não sabemos. O que é muito claro neste caso é que foi por vontade própria, com esforço e correndo riscos, que Anita fugiu e se dirigiu até ao rancho de Miguel. Em sua declaração, ela conta que viajou por vários dias a cavalo, sendo hospedada e acolhida por diferentes rancheiros, até que conseguiu chegar ao rancho de Miguel.

Não sabemos qual era o nome verdadeiro ou a idade desta índia ladina quando fugiu da Casa de Recolhidas em Buenos Aires. Também não sabemos quais foram suas motivações ou o que aconteceu com ela depois da fuga. As breves notícias que temos sobre a sua vida permitem-nos entrever a realidade tensa e opressiva em que viviam as índias daquela região. Este caso singular torna visíveis relações entre os espaços indígena e hispano, o campo e a cidade, e permite-nos estudar a ação de mulheres indígenas em busca de alternativas e encontrando, em muitas ocasiões, formas de resistir.

### Glossário:

- \* Casa de Recolhidas (Casa de Recogidas) – Casa religiosa para recolhimento de mulheres que não faziam votos e se organizava à maneira dos convento.
- \* Ladina/o: Índia/o que entendia e falava espanhol. Por esta razão os espanhóis consideravam-nos espertos, astutos e, ainda, manhosos.

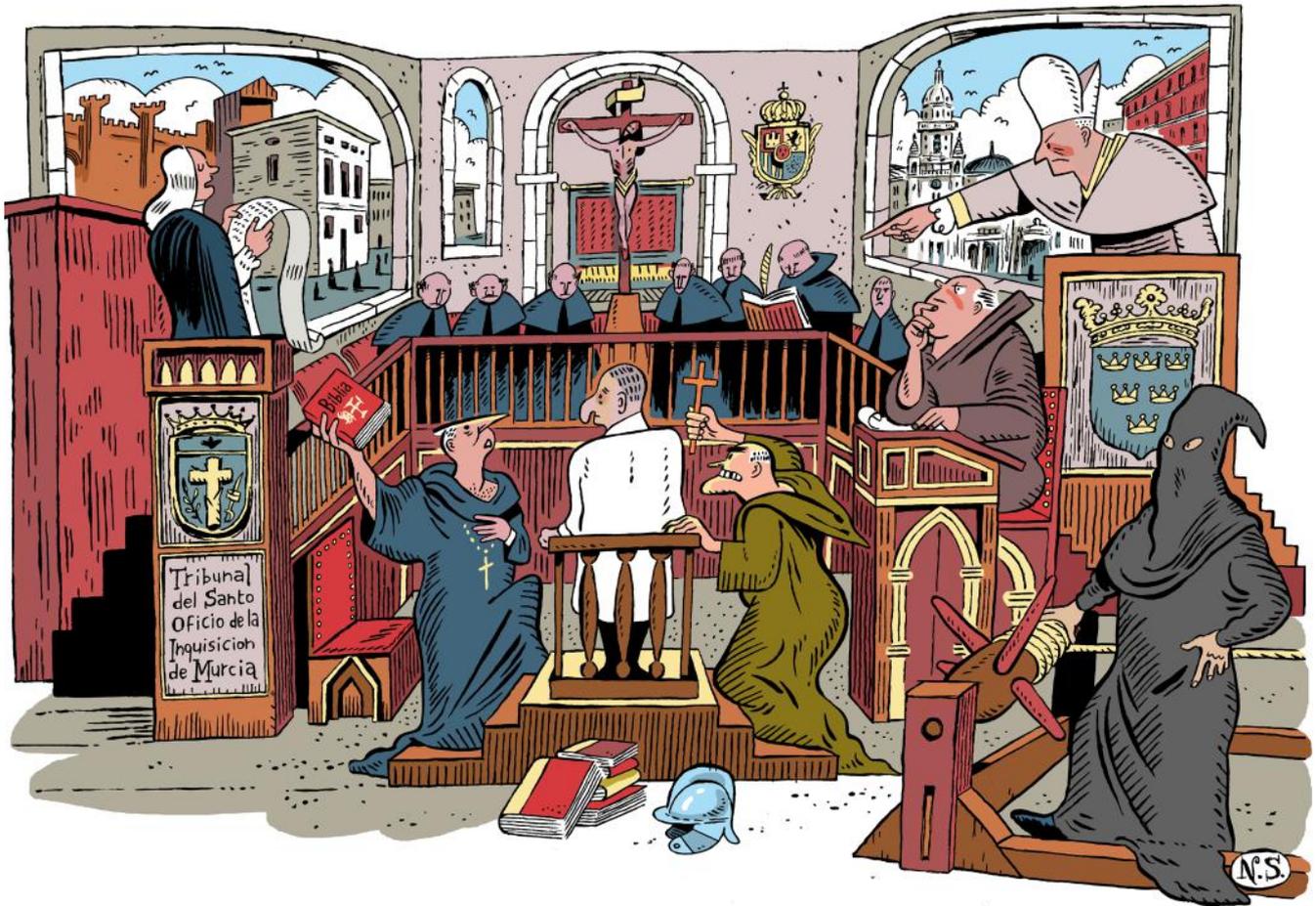
### Referências

- \* AGUIRRE, Susana E. (ed.), *Resistência Indígena na América Ibérica, séculos XVI XIX*, PROJECTO RESISTANCE, YouTube, 30 de abril de 2022, disponível em [youtu.be/\\_ENWJYmw74I](https://youtu.be/_ENWJYmw74I).
- \* BETHENCOURT, Francisco, *Racismos, das Cruzadas ao século XX*, Lisboa, Temas e Debates, 2015.
- \* PEREYRA, Osvaldo Víctor; SANCHOLUZ, Carolina; REITANO, Emir; AGUIRRE, Susana (org.), *Conflictos y resistencias: la construcción de la imagen del «otro». Selección de documentos fundamentales para la comprensión de la expansión atlántica*, City Bell, Editorial Teseo, 2021, disponível em <https://www.editorialteseo.com/archivos/19984/conflictos-y-resistencias-la-construccion-de-la-imagen-del-otro/>.
- \* VALENZUELA MÁRQUEZ, Jaime, América en diásporas. *Esclavitudes y migraciones forzadas en Chile y otras regiones americanas (siglos XVI-XIX)*, Santiago, RIL editores - Instituto de Historia, Pontificia Universidad Católica de Chile, 2017, disponível em [https://www.academia.edu/29465329/Am%C3%A9rica\\_en\\_di%C3%A1sporas\\_Esclavitudes\\_y\\_migraciones\\_forzadas\\_en\\_Chile\\_y\\_otras\\_regiones\\_americanas\\_siglos\\_XVI\\_XIX\\_Editor\\_LIBRO\\_COMPLETO\\_](https://www.academia.edu/29465329/Am%C3%A9rica_en_di%C3%A1sporas_Esclavitudes_y_migraciones_forzadas_en_Chile_y_otras_regiones_americanas_siglos_XVI_XIX_Editor_LIBRO_COMPLETO_).



11.

Resistir  
às ideias  
impostas



## 1701

# Resistir às ideias impostas

*Georeferenciação: Múrcia | Valência*

A Igreja católica defendia que ninguém deveria pôr em causa a sua doutrina, que existia apenas uma fé verdadeira e que todas as outras eram seitas. Por isso, a salvação só era possível através do batismo dentro da Igreja católica. Muitos acreditavam que era um perigo deixar que as pessoas pensassem pela sua própria cabeça. A Inquisição foi a instituição que surgiu para controlar os desvios à doutrina católica.

Assim, todos aqueles que desafiavam a ideia de que a Igreja católica era a única religião de salvação, eram julgados pela Inquisição. A maioria dos foram homens, mas também foram presas algumas mulheres. Muitos destes processados não tinham formação universitária, mas sabiam ler e escrever. Eram pessoas que queriam interpretar

por si mesmas, e utilizar os seus estudos para ter acesso à cultura e ao conhecimento, mas sempre pela sua própria leitura e entendimento.

Esses homens e mulheres, persistentes e teimosos, resistiram à forma de pensar da Igreja católica. Baseavam a sua crença numa leitura pessoal da Bíblia e reconheciam que toda a humanidade poderia ser salva, não importando qual era a fé e a doutrina de cada um.

Um dos homens que acreditava que qualquer religião poderia conduzir à salvação chamava-se Inocencio de Aldama, um vagabundo de 28 anos, magro, cabelos castanhos curtos e nariz curvado como o bico de uma águia. Tinha nascido no País Basco\* e era cristão-velho\*, criado na fé cristã.

Inocencio de Aldama teve uma boa educação e foi soldado no Mediterrâneo. Quando era mais novo, pensou em ser sacerdote, mas dizia que Deus tinha outros planos para ele. Não tinha casa nem trabalho, apesar de saber ler e escrever. Afirmava que Deus o tinha destinado a ser vagabundo e a sofrer toda a sorte de atribuições.

Em 1701, Inocencio de Aldama foi denunciado à Inquisição e processado na cidade de Murcia\*. A acusação era por ter ideias heréticas e estranhas, ou seja, que cada um se podia salvar na sua própria fé e igreja, fossem elas católica, protestante, judaica ou islâmica... Qualquer religião poderia levar a Deus.

Os inquisidores interrogaram Inocencio de Aldama e ele defendeu-se. Estava disposto a aceitar algumas das correções que os inquisidores lhe faziam, mas não renunciou à ideia de liberdade de consciência.

“Cada pessoa tem o seu norte, a sua estrela guia. Nenhum teólogo me convencerá do contrário!”, disse. E continuou a explicar a sua forma de ver o mundo e as religiões: “todos nascemos da mesma videira, da qual saem diferentes brotos, e todos os brotos dão frutos. Assim são todas as leis religiosas e seitas. Cada pessoa salva-se na religião que quiser professar.”

Os inquisidores não sabiam o que pensar de Inocencio de Aldama.

“É um homem instável e confuso!”, diziam uns.

“Um pensador herético!”, diziam outros.

Inocencio de Aldama, e outros que também tinham dúvidas como ele - tolerantes e de visão livre -, eram perseguidos e processados, porque a liberdade de consciência que defendiam era uma grande ameaça à ordem estabelecida.

Compartilhavam essa visão alternativa da sociedade, tinham a convicção que todas as almas podiam encontrar o seu próprio caminho e que um Deus misericordioso não condenava os crentes de outras religiões ao inferno.

Irritados, mas inseguros sobre como lidar com Inocencio de Aldama, os inquisidores de Múrcia\* decidiram colocá-lo num manicómio na cidade de Valência\*. Esta sentença da Inquisição salvou Inocencio de Aldama de um castigo maior.

Com esta decisão os inquisidores permitiram a Inocencio de Aldama continuar a resistir nas suas crenças, visões do mundo e ideias sobre a salvação das almas.

#### Glossário:

- \* Cristãos-novos / conversos – Judeus convertidos ao catolicismo e seus descendentes. Sobre todos eles recaía a suspeita de praticarem a sua antiga fé judaica.
- \* Múrcia – cidade espanhola, sede de um dos Tribunais da Inquisição de Espanha.
- \* País Basco – Região situada no nordeste da Península Ibérica, perto dos Pirenéus.
- \* Valência – cidade situada no sudeste da Península Ibérica, capital do antigo reino de Valência, Espanha.

#### Referências

- \* KAMEN, Henry, *Nacimiento y Desarrollo de la Tolerancia en la Europa Moderna*, Madrid, Alianza Editorial, 1987.
- \* MORENO, Doris, *La invención de la inquisición*, Madrid, Marcial Pons, 2004.
- \* SCHWARTZ, Stuart. *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*, São Paulo, Bauru, Companhia das Letras, Edusc, 2009.



# 12.

A revolta  
de Alarcona  
em Ferrol

# 1810

## A revolta de Alarcona em Ferrol

*Georeferenciação: Ferrol | Cádiz*

A história da Galiza não conta com revoltas importantes, embora tenha havido alguns motins no Antigo Regime. De forma geral, o objetivo das manifestações da época era chamar a atenção para um problema concreto e conseguir a ajuda das autoridades. No entanto, a revolta de Ferrol ficaria na História como um marco de violência e horror. Foi um tumulto excepcional, tanto pela violência com que se desenvolveu como pelos seus atores principais.

A cidade de Ferrol, localizada na Galiza, tinha assistido a um grande aumento da população relacionado com a instalação do arsenal, instituição com funções militares e industriais, e também com a atividade do estaleiro de Ferrol. Essa era a razão pela qual os habitantes dessa cidade dependiam do trabalho oferecido por ambos.

A revolta estalou a 10 de janeiro de 1810, quando os trabalhadores do arsenal souberam que a sua atividade seria transferida para Cádiz, no sul de Espanha, e se juntaram em multidão contra as autoridades da cidade. Os revoltosos, já com os salários em atraso, reivindicavam a continuação da atividade do arsenal em Ferrol e o pagamento de salários. As suas ações foram exacerbadas pelos difíceis momentos de escassez que viviam.

Entre esta multidão estava Antónia de Alarcón, viúva de um trabalhador do arsenal que reclamava os salários em atraso devidos ao marido e que, não sendo o principal rosto da revolta, foi a sua principal vítima. Antónia e outras mulheres começaram o motim às primeiras horas da manhã,

gritando improperios contra as autoridades militares às portas do arsenal. A elas juntaram-se os trabalhadores do arsenal e outros revoltosos. Finalmente, o povo enfurecido conseguiu entrar no local, nomeadamente nas instalações da autoridade máxima, o comandante-geral Dom José de Vargas y Varaes.

Antónia entrou com a multidão e foi a primeira a agredir o comandante-geral com o compasso de carpinteiro do seu defunto marido. O gesto foi o mote para que a população continuasse a agredi-lo violentamente, acabando por o matar. Depois arrastaram o seu cadáver pelas ruas da cidade.

Depois do escândalo, Antónia de Alarcón foi apontada por alguns trabalhadores e por alguns guardas como uma das principais cabecilhas da revolta, por ter sido a primeira a atacar o comandante. Apesar de ter atuado no motim desde o primeiro momento, incitando outras mulheres a juntar-se à revolta, Antónia, pela fragilidade que a sua condição de mulher e de viúva lhe impunha, não foi mais do que um bode expiatório.

Em Janeiro de 1811, a Real Audiência, o principal tribunal de justiça galego, ordenava que a “Alarcona” fosse executada publicamente na força e que, depois de morta, a sua cabeça fosse cortada e colocada num pau de madeira à entrada do arsenal, como sinal de advertência. A sentença pretendia-se exemplar.

Outros homens e mulheres foram processados, mas não com a dureza aplicada contra Antonia de Alarcón. Este é um caso de uma revolta falhada,

pois além da punição exemplar a alguns dos seus cabecilhas, o arsenal acabou por ser desmantelado e uma boa parte da sua atividade transferida para Cádiz. Revela, no entanto, a capacidade que as mulheres tinham de se indignarem publicamente, de lutarem pelos seus direitos e de mobilizarem a população.

### Referências

- \* MARTÍN GARCÍA, A., *Auge y decadencia: desarrollo económico, cultura y educación en Ferrolterra durante el Antiguo Régimen*, A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2008.
- \* REY, Ofelia; SIXTO, Ana, “Mujeres y conflictividad en núcleos portuarios: Ferrol en una fase de regresión (1810-1834)” in *Conflictos y tensiones en las sociedades portuarias del norte peninsular (siglos XVI-XIX)*, Ferrol: Universidade da Coruña, 2022, pp. 235-258.
- \* REY, Ofelia, “Mujeres y resistencias en la Galicia de fines del Antiguo Régimen: Antonia de Alarcón y los límites del orden”, *Chronica Nova*, 48 (2022), pp. 21-60. <https://doi.org/10.30827/cnova.v0i48.23912>.

# Linha do tempo

03

/ 1584-1585 /

**Um papa indígena  
contra os brancos**



01

/ 1553-1557 /

**Não hei-de dizer  
mentiras para  
não morrer!**



09

/ 1624-1632 /

**Uma bruxa  
afro-caribenha**

05

/ 1588 /

**A vendedora  
de sonhos**

02

/ 1583 /

**Massacre  
de Cuncolim**



07

/ 1629-1634 /

**Resistir nas águas  
sulfurosas do Japão**

# 06

/ 1638-1649 /

**Desordens  
e loucuras**

# 10

/ 1777-1780 /

**Anita,  
Índia Ladina**



# 11

/ 1701 /

**Resistir às  
ideias impostas**

# 04

/ 1647 /

**Resistir  
à censura  
da Inquisição**



# 12

/ 1810 /

**A revolta  
de Alarcona  
em Ferrol**

# 08

/ 1757-1790 /

**De escravo  
a missionário**



# Créditos

Título: Religião e mulheres. Resistências nos Impérios Ibéricos, 1500-1850.

Coordenação: Mafalda Soares da Cunha, António Camões Gouveia e Moreno Pacheco

Autores: Ana M. Sixto Barcia; Ângela Barreto Xavier; Elsa Penalva; Fernanda Olival; Filomena Lopes de Barros; Jacqueline Sarmiento; Lucilene Reginaldo; Margareth de Almeida Gonçalves; María Jordán Arroyo; Mariana Meneses Muñoz; Moreno Pacheco; Stuart B. Schwartz

Edição: CIDEHUS UÉVORA / CHAM NOVA / PPGH-UFBA; Évora, 2023

Revisão e adaptação dos textos: António Camões Gouveia, Mafalda Soares da Cunha, Moreno Pacheco e Natália Nascimento e Melo

Ilustrador: Nuno Saraiva

Criação e paginação: KISS THE AGENCY

ISBN: 978-972-778-315-1

CC: 

DOI: <https://doi.org/10.60469/bd2d-jm24>

 **RESISTANCE**

778076-H2020-MSCA-RISE-2017

This project  
has received funding  
from the European  
Union's Horizon  
2020 research  
and innovation  
programme under  
the Marie Skłodowska-Curie  
Grant Agreement  
No 778076.



**N** **NOVAFCSH**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**CHAM**  
CENTRO DE  
HUMANIDADES  
NOVA FCSH-UAL

 **UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA**

**CIDEHUS**  
Centro Interdisciplinar  
de História, Cultura e Sociologia  
da Universidade de Évora  
12109/00057/2020

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia